

Opinião: Há algo de podre no Reino da Dinamarca?

in <http://dn.sapo.pt/>

Autor: Jorge Costa da Silva, Investigador da AESE – Escola de Direcção e Negócio

Data: 2012-1-12

Link: [http://www.dn.pt/inicio/opinia ...](http://www.dn.pt/inicio/opinia...)

NewsSearch
Media Intelligence

Embora a razão não seja evidente, esta conhecida frase de Hamlet pode servir de introdução ao Programa Estratégico para o Empreendedorismo e a Inovação aprovado pelo Governo no passado dia 7 de Dezembro.

Na respectiva resolução do Conselho de Ministros são identificados os quatro pilares estruturantes do programa. Resumidamente, trata-se do seguinte: 1) alargar as competências da população; 2) dinamizar a inovação; 3) estimular o empreendedorismo; e 4) promover estes objectivos através de adequados mecanismos de financiamento.

Foi também estabelecido o Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação, cuja missão será aconselhar o Governo nestas matérias. É certo que são objectivos muito genéricos, mas a questão está lançada e fica a expectativa das medidas mais concretas.

Mas que tem o Reino da Dinamarca a ver com o caso? É que a Dinamarca é o número um mundial em empreendedorismo, de acordo com um índice internacional designado por Global Entrepreneurship and Development Index (GEDI), enquanto Portugal regista uma mais modesta 33.ª posição. Trata-se, além disso, de um país com o qual poderá fazer sentido a comparação, já que tem pouco mais de metade da nossa população (5,5 milhões vs. 10,5 milhões) e pouco menos de metade do nosso território (43 km² vs. 92 km²). Não estamos, portanto, a falar dos Estados Unidos da América, que, aliás, ocupa a terceira posição, depois do Canadá.

Como qualquer outra medição de fenómenos complexos, também esta terá as suas limitações, mas dá-nos algumas informações úteis. O índice avalia um conjunto alargado de aspectos, organizados em torno de três grandes categorias: a atitude empreendedora do país, a actividade empreendedora desenvolvida e as aspirações das novas empresas.

Nas restantes linhas deste texto, gostaria de me focar na atitude empreendedora nos dois países e em alguns dos dados que conhecemos. Um dos temas que chama a atenção é a consciência que temos da nossa capacidade para fundar uma empresa. Quando questionados sobre essa matéria, em 2010, mais de metade dos inquiridos (52%) consideraram ter os conhecimentos e capacidades necessários para começar uma empresa. A mesma pergunta, na Dinamarca, só obteve resposta afirmativa em 41% das pessoas. Em 2007, a diferença ainda foi maior: 58% em Portugal e apenas 36% na Dinamarca.

Outra diferença interessante, desta vez desfavorável ao nosso país: quando questionados, em 2010, sobre a existência de boas oportunidades para começar uma empresa, só 20% dos portugueses entrevistados responderam de forma positiva, enquanto 46% dos dinamarqueses deram a mesma resposta. Em 2007, antes da crise internacional, a diferença era mais notória: 71% dos inquiridos na Dinamarca viam boas oportunidades, contra 33% no nosso país.

E quanto ao medo de falhar? Aí a situação é quase idêntica. Nos dois países, apenas cerca de 30% dos inquiridos com percepção positiva das oportunidades existentes declaram que o medo de falhar os inibiria de começar um negócio.

Resumindo: consideramos ter capacidade para fundar uma empresa, não temos medo de o fazer, mas não vemos oportunidades interessantes. O que pode explicar esta situação? Não vemos oportunidades porque não existem? Ou existem oportunidades mas não as detectamos?

Como seria de esperar, a resposta não é evidente. Aqui deixo apenas uma sugestão. É razoável que a questão se prenda com a formação da população. Um simples indicador é ilustrativo. No Global Competitiveness Report de 2010--2011, na componente da qualidade da educação em matemática e ciências, Portugal está em 108.º lugar, enquanto a Dinamarca ocupa 19.ª posição.

Com melhor educação há mais oportunidades e um empreendedorismo de melhor qualidade. O problema é que estas coisas não se mudam de um dia para o outro. Claro está que não pretendo apresentar a Dinamarca como exemplo, mas apenas como ponto de comparação.